

A Naturalista Melancólica

Cláudia Lyrio

Projeto Artista Expoente - EBA/UFRJ

Curadoria:

Marisa Flório Cesar



A instalação inicia com uma
qual estão referências de desenho e
de anotações diversas, lapis, canetas,
pequenos objetos de pesquisa. De

optica misto de desenho e pintura
da um lado, um subtítulo
entra, a floor do pain-brasil
Simbolico, essa optica e colocada
para a

caféna afastada. A artista vai
natura. Ainda no grupo sobre a
estas uma pequena pintura de um
passarinho e um desenho e dea de
uma com uma pena. E depois
muito, frequenta um barreira da p
tudo a morte.

A instalação conta com de
de pintura, desenho, regis
de pintura realizadas em por
coluna, retrata de cores de terra e
diversas habilidades de pape, uma
que-instalacao sobre pedestais, um
e mais, uma de trabalho Campo

junto

A instala o a Naturalista Mela-ST-A
trabalhos que visa construir uma narrativa em torno
perspectiva a de um olhar melancolico-poetico
elementos: a terra, o seres do ar (do voo e do sopra

A Naturalista Melancólica

Cláudia Lyrio

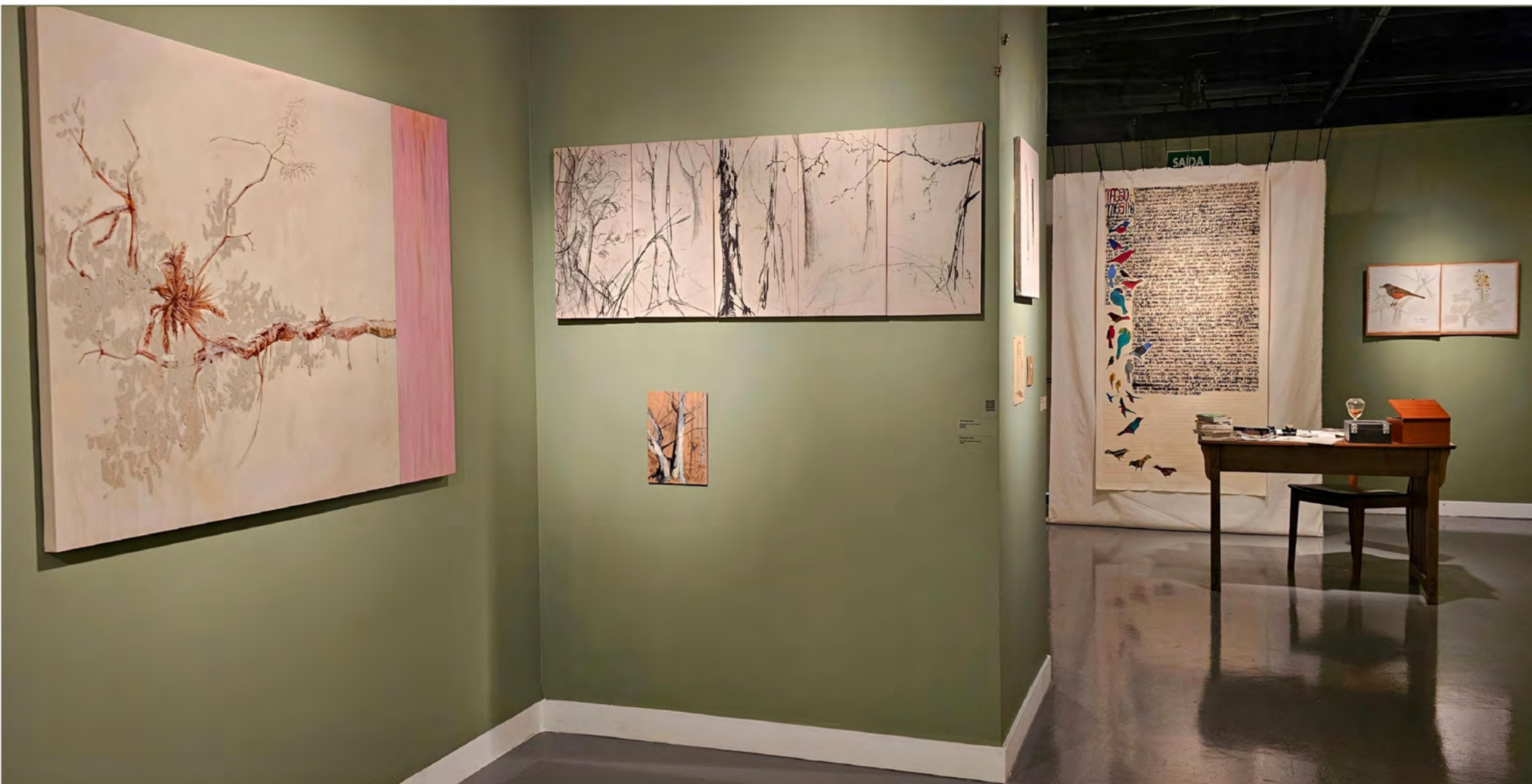
A naturalista percorre as sendas e os fluxos dos mundos. Detém-se diante do que a assombra, observa, anota sensações, desenha e colore o que seu olho toca, o que sua pele ouve, o encontro de seu corpo com elementos e viventes. São, como escreve em um de seus cadernos de testemunho, “seres da terra, do ar (do voo e do sopro), de seiva, do fogo”. Colhe terras e céus, cataloga seus tons de sépia e azul, em famílias de cores e texturas. Guarda-os em frascos, devolve-os aos espaços e tempos mundanos, à curvatura da abóboda celeste. Nos chãos por onde andou, faz pinturas de terra retribuindo o que recebeu destes solos; ou materializa o impalpável do horizonte, na linha e carne do pigmento. Com o fogo, é iniciada no devir das devorações e das metamorfoses alquímicas. E coleta exoesqueletos, penas e folhas secas, mas para transmutá-los pela arte. Em suas pinturas, plantas, fungos, bichos e aves, ora se mostram em tons exuberantes, ora em grisalha, como se a cada explosão vital, uma presença fantasmática recordasse a ameaça sombria de sua extinção. Como habitar coletivamente o planeta em uma era de colapso ambiental, de extermínio acelerado das espécies? A civilização ocidental fez o mundo à imagem do humano, submetendo seres e materialidades à sua vontade e destruição, por isso a artista viajante busca a sabedoria secreta que as demais formas de vida e os elementos têm a ensinar em sua diversidade: a inextricável interdependência entre espécies, a existência como mistura e constante co-tornar-se, a inteligência colaborativa e não hierárquica das plantas. Aprender, enfim, a alegria da dádiva, como vida e regeneração.

A instalação A naturalista melancólica de Cláudia Lyrio transforma a galeria em um gabinete de pesquisa, repleto de desenhos, cadernos, instrumentos e artefatos científicos, amostras de coletas de suas viagens, como dos viajantes naturalistas que aqui estiveram. Se os viajantes dos séculos XVII a XVIII (entre cientistas e artistas),

maravilhados com o novo mundo, nos legaram em seus desenhos e descrições, um misto de precisão pré-científica e roteiros mágicos projetando aqui seus mitos e símbolos, os viajantes oitocentistas, influenciados pelo iluminismo europeu, sistematizaram de modo científico, suas observações e sensações. Aventurando-se nesta terra incógnita, muitos aqui adoeceram ou perderam suas vidas. Mas a natureza tipificada, catalogada, escrutinada pela ciência, serviria para ser explorada e usada pelos Impérios que se sucederam. A crença (ocidental) na separação entre natureza e cultura, e na superioridade do humano sobre as demais espécies, definiu sua maneira de relacionar-se com a vida e a matéria do planeta: como propriedade sempre disponível a ser mercantilizada, consumida, devastada.

Quando adentramos o gabinete-exposição, testemunhamos uma cena que nos parece preservada no tempo, mas cujo amanhã nos inquieta. Se imaginamos a vida de uma investigadora solitária, também sentimos com ela a melancolia das horas incertas, do desaparecimento da vida neste orbe por nós castigado. Lyrio fabula esse reencontro entre arte e ciência, mito e filosofia, e nos convida à reflexão sobre as ferramentas, saberes e métodos que nos conduziram à iminente catástrofe. Por isso concebe a ciência como fabulação material, e a fabulação artística, como teorização sobre a realidade, e emprega os sistemas visuais dos antigos naturalistas: para suspender antigas certezas, mas também para aprendermos a reencantar mundos, participar da dança vital e coletiva dos seres e das coisas, e sonharmos outros porvires.

Curadoria
Marisa Flório Cesar









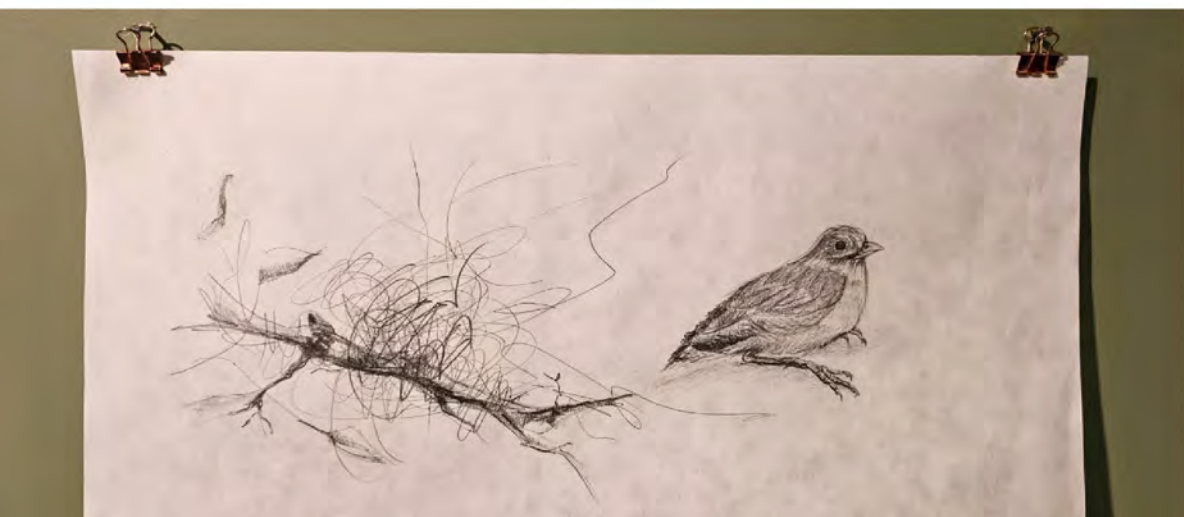


POACEAE













12. Os habitantes da cidade a que se refere o chefe, citados, tem os direitos
 reservados a qualquer pessoa ter os seus, e transferir a quem
 eles se queiram sem outro, apenas empalhados, porém sempre
 de tal que a pessoa a quem os mesmos foram a que se refere, o
 tal e cada um dos seus filhos não se fizesse de mais
 e não se houve feito mais os seus filhos, e transferir
 para os seus filhos ainda. A primeira categoria de pessoas
 13. que se ausa.

Os livros de viagens de, entre outros, exploradores, também
as viagens, as navegações, viagens, viagens, viagens, viagens, viagens,
fora toda a passagem extremamente a suas passagens
encontradas, a viagem foi de descobertas, viagens
e conquistas também viagens, viagens, viagens.

[illegible]

JARDIM BRANCO





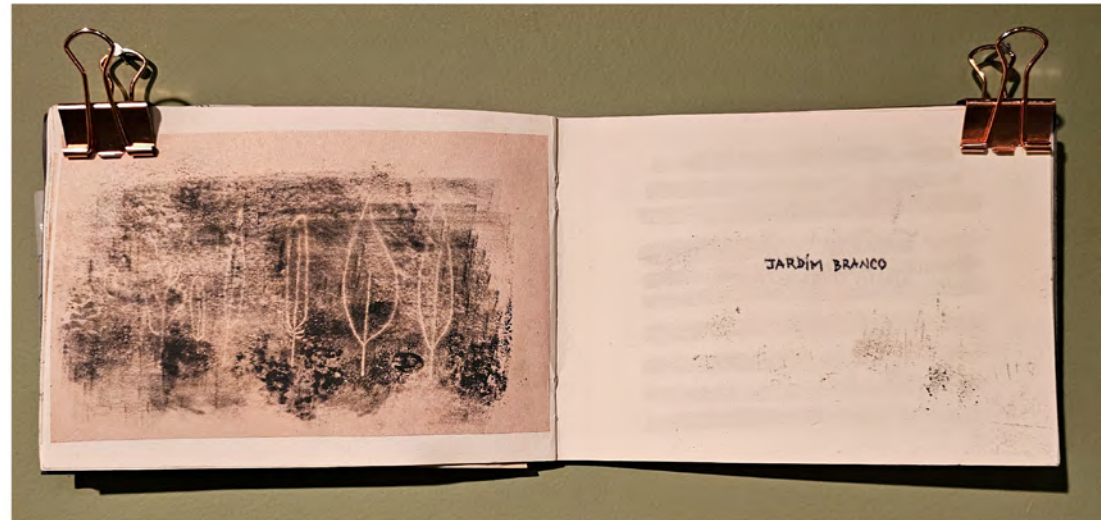


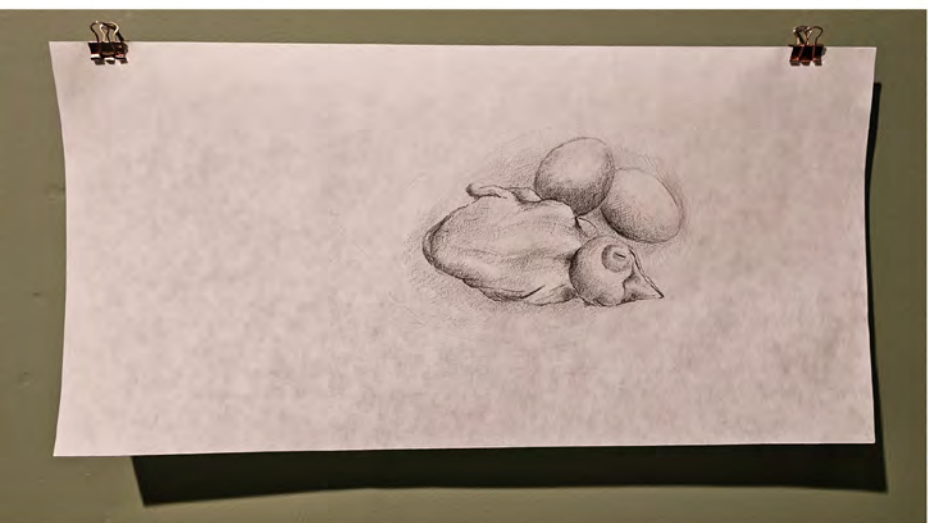
























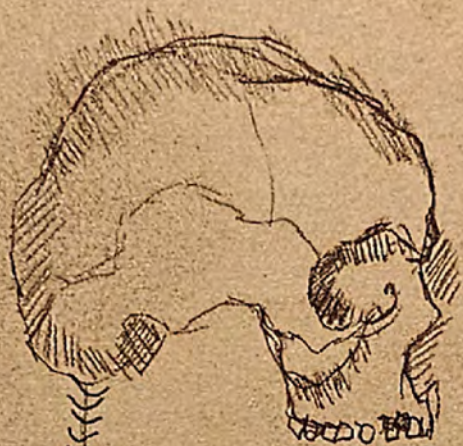




YUSARA
 JIÇARA
 IÇARA
 JUÇARA
 EUTERPE
 EDULIS
 ESPÉCIE-
 CHAVE
 ESPÉCIE
 ATLÂNTICA
 ALIMENT
 O
 AÇÃO
 FAUNA
 REMOÇÃO
 HOMEM
 NEGATIVO
 BORDA
 MATA
 EXTR
 AI
 AÇÃO
 HOMEM
 ORIGINAIS
 CON
 SEM
 SEQUÊNCIA
 FAUNA
 CORTE
 DESORDEN
 AR
 AÇÃO
 HOMEM
 MATA
 PLANTAS
 -MÃE
 MÃE
 MATA
 MAE
 TERRA
 PLANTA
 SEMENTE
 VIVE
 REVIVE
 MATA
 ATLÂNTICA
 JUÇARA
 IÇARA
 JIÇARA
 YUSARA

Yusara





1. TERRA
2. FRUTA
3. FOLHA
4. RAIZ
5. VOO

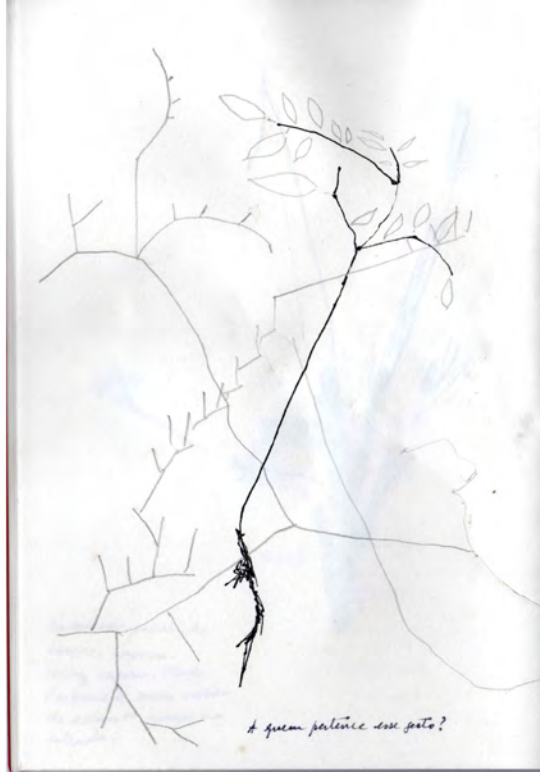












é quem pertence ao pato?



Seio meu tal' de natureza. Seio meu tal' de raiz.



Seio meu tal' de vida e me espalho na terra que amo.



Já não sei dessas
 contas virandas,
 virandas, móbiles
 de Calder ou
 Palatnik. Sei Klee,
 linhaerei.

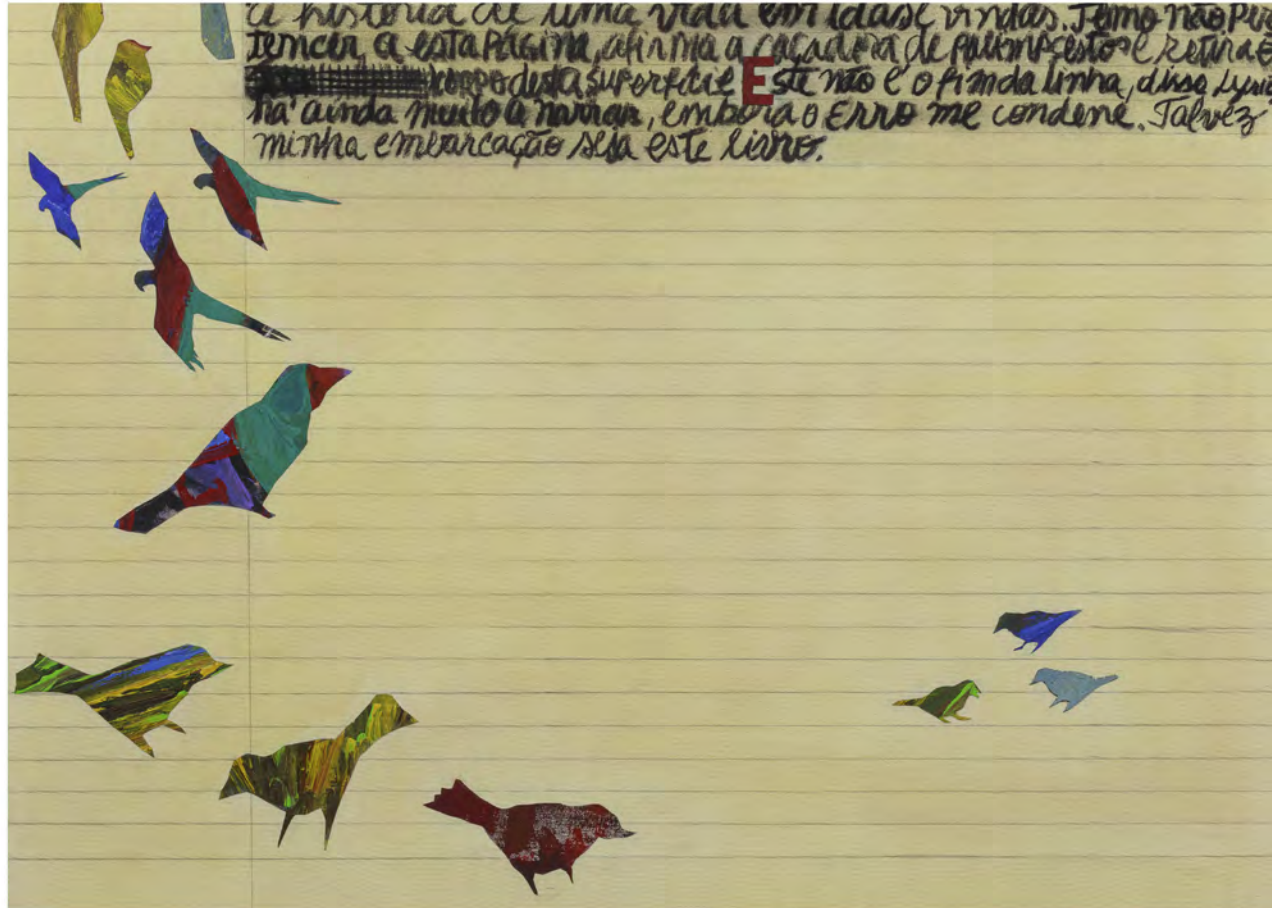
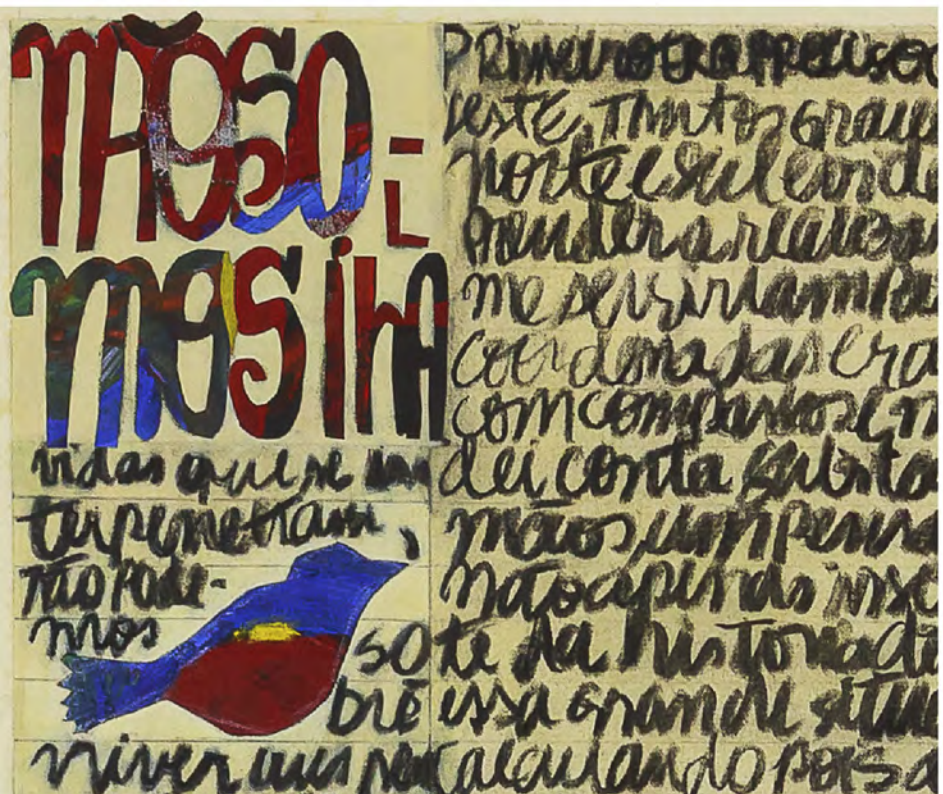
Herbário com indi-
cações das proprieda-
des

Claudia Lyno





[illegible]





OBSERVAÇÕES

1. ECKHOUT FOI VITIMADO
PELA MALÁRIA ADQUIRIDA
EM SUA ESTADA NA AMÉRICA.
2. LANGSDORF PERDEU A
MEMÓRIA NO AMAZONAS.
3. ENDER FICOU DOENTE E
RETORNOU PARA A ÁUSTRIA.
4. SPIX MORREU DE DOENÇA
TROPICAL APÓS A PUBLICAÇÃO
DE "REISE IN BRASILIEN".
5. LEBRETON FALECEU
POUCOS ANOS APÓS SUA
CHEGADA AO BRASIL.
6. GRANDJEAN MORREU DE
PNEUMONIA APÓS A FESTA
DO ENTRUDO.
7. FREYREISS FALECEU EM
NOVA VIÇOSA NUM 1º DE ABRIL.
8. FRIEDRICH SELLOW MORREU
AFOGADO NO RIO DOCE, AOS 42.
9. HUMBOLDT MORREU TRANQUI-
LAMENTE, EM BERLIM, PRÚSSIA.

DÜKER





Artista
Cláudia Lyrio



Curadoria
Marisa Flórido Cesar

Designer
Natalia Helena Rodrigues

Plantas elevadas e colaboração cenográfica
Bianca Perrone Velho

Montagem
Boy Jorge

Rede Social
Rebeca dos Santos Silva

Fotografia
Higor M. de Alcantara Pereira

Preparação técnica do espaço
José Antônio Carvalho

Projeto Artista Expoente

Direção da EBA/UFRJ
Madalena Grimaldi

Direção de Cultura EBA/UFRJ
Irene Peixoto

Técnica da direção de direção de Cultura EBA/UFRJ
Cecília Ribeiro

Agradecimento Especial
Leila Scaf Rodrigues

Realização:



Apoio Cultural:

